



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DELMA DA SILVA PEREIRA

**ESTOU DIANTE DA MORTE, O QUE FAÇO AGORA? VIVÊNCIAS DOS  
ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE A MORTE E O MORRER: UMA  
REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

GOIÂNIA

2022/1

DELMA DA SILVA PEREIRA

**ESTOU DIANTE DA MORTE, O QUE FAÇO AGORA? VIVÊNCIA DOS  
ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE A MORTE E O MORRER: UMA  
REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso III, do Curso de graduação em Enfermagem da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Salete Silva P. Nascimento.

Linha de Pesquisa: Promoção da Saúde

Eixo Temático: Saúde Mental

GOIÂNIA/2022

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me amparar, guiar e renovar minha fé nos dias difíceis enfrentados durante essa caminhada.

Aos meus pais, Nelma e Dedir, por me conduzirem ao melhor caminho, que é o conhecimento e o amor a Deus e ao próximo, e por partilharem comigo essa jornada linda.

Ao meu esposo e melhor amigo, Welivaldo, por todo seu amor, paciência e dedicação aos meus sonhos e objetivos. Com todo meu amor ao meu filho Henrique, por ser meu incentivo diário, me trazendo alegria e esperança de dias melhores.

As minhas amigas e companheiras de caminhada na PUC-Goiás, Anna e Milene, pelo companheirismo, apoio e alegrias partilhadas durante esses cinco anos de graduação, aliviando assim os dias difíceis enfrentados.

À minha professora orientadora Maria Salete, por me acompanhar neste trabalho, partilhando comigo o seu rico conhecimento, e pela disposição e serenidade para ensinar, enxergando além do que um corpo físico pode expressar.

Ao Professor Dr. Pedro Cáceres, o mestre que me inspirou a fazer parte da dinâmica de morte, me ensinando tantas coisas sobre a vida e o morrer. Meu eterno agradecimento e reconhecimento ao ser humano brilhante e, principalmente, ao professor extraordinário que é. Tenho orgulho de dizer que vossa pessoa leciona com a preocupação de compartilhar conhecimentos, levando os estudantes evoluírem como profissionais e como pessoas melhores. Tenha a ciência que seus ensinamentos mudaram minha percepção sobre a morte e o morrer para melhor. Que sua jornada de ensino continue mudando cada aluno que tem a honra de aprender e evoluir com seus ensinamentos.

“Não tenho medo da morte, mas medo de morrer, sim, a morte é depois de mim, mas quem vai morrer sou eu. O derradeiro ato meu e eu terei de estar presente, assim como um presidente dando posse ao sucessor, terei que morrer vivendo sabendo que já me vou.”

GILBERTO GIL

## RESUMO

**INTRODUÇÃO:** A morte e o morrer é uma temática difícil e desafiadora para o profissional que lida todos os dias com pacientes com vários níveis de adoecimento e com prognóstico de morte eminente, e como a enfermagem está intimamente ligada ao cuidado, a perda de um paciente pode ser encarada com tristeza, impotência, frustração e medo. **OBJETIVO:** Identificar como os acadêmicos de enfermagem se comportam frente a morte e o morrer durante sua formação. Relatar como a academia tem abordado o ciclo de finalização da vida com acadêmicos de Enfermagem. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, desenvolvida a partir de publicações em torno da forma de lidar dos acadêmicos de enfermagem com a morte e o morrer durante seu processo formativo. A pesquisa foi realizada em um recorte temporal do ano de 2017 a 2022, as buscas ocorreram nos meses de fevereiro a abril de 2022. **RESULTADOS:** Aproximadamente 50% dos estudos relataram que os alunos matriculados do terceiro ao quinto ano do curso de enfermagem, apresentam dificuldades em lidar com a morte de seus pacientes durante a formação acadêmica, tidas como vivências traumáticas e chocantes. Referem se sentirem ansiosos, desequilibrados, abalados, inseguros, culpados e impotentes. A sensação de insucesso e falha, é destacada como consequência por não conseguirem salvar a vida do paciente. As IES e os projetos pedagógicos dos cursos em sua maioria não têm desenvolvido no processo de formação, preparo ou espaços de discussão com os acadêmicos sobre as perda e morte de paciente sob seus cuidados. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A dimensão da finitude humana é um tema difícil de ser abordado, seja na perspectiva filosófica ou científica. Muitos são os desafios postos para a formação acadêmica, no entanto sabe-se que ela jamais dará conta de toda compreensão exigida. As IES, precisam formar e habilitar profissionais cada vez mais preparados e conscientes do cuidado com a vida, assim como do cuidar com solicitude perante a morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** graduação em enfermagem; acadêmicos de enfermagem; morte e morrer; Atitudes frente a morte; cuidados de enfermagem.

## **ABSTRACT**

**INTRODUCTION:** Death and dying is a difficult and challenging topic for professionals who deal every day with patients with different levels of illness and with a prognosis of imminent death, and as nursing is closely linked to care, the loss of a patient it can be faced with sadness, helplessness, frustration and fear. **OBJECTIVE:** To identify how nursing students behave in the face of death and dying during their training. To report how the academy has approached the end-of-life cycle with nursing students. **METHODOLOGY:** This is a narrative review of the literature, developed from publications on the way nursing students deal with death and dying during their training process. The research was carried out in a time frame from 2017 to 2022, the searches took place from February to April 2022. **RESULTS:** Approximately 50% of the studies reported that students enrolled from the third to the fifth year of the nursing course, have difficulties in dealing with the death of their patients during their academic training, seen as traumatic and shocking experiences. They report feeling anxious, unbalanced, shaken, insecure, guilty and powerless. The feeling of failure and failure is highlighted as a consequence of not being able to save the patient's life. Most of the HEIs and the pedagogical projects of the courses have not developed, in the training process, preparation or spaces for discussion among academics about the loss and death of patients under their care. **FINAL CONSIDERATIONS:** The dimension of human finitude is a difficult topic to be addressed, whether from a philosophical or scientific perspective. There are many challenges for academic training, however it is known that it will never meet all the required dimensions, HEIs need to train and qualify professionals who are increasingly prepared and aware of caring for life, as well as caring for others. request in the face of death.

**KEYWORDS:** undergraduate nursing; nursing students; death and dying; Attitudes towards death; nursing care

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
<b>4. CAMINHO METODOLÓGICO.....</b>	<b>16</b>
<b>5. RESULTADOS.....</b>	<b>17</b>
5.1 RELAÇÃO DOS ALUNOS FRENTE A VIVÊNCIA DA MORTE NA ACADEMIA.....	19
5.2 COMO A ACADEMIA ABORDA A TEMÁTICA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS.....	20
5.3 SUGESTÃO DOS AUTORES PARA INCLUSÃO DA ABORDAGEM NA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	21
<b>6. DISCUSSÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As pessoas reagem de formas distintas frente a morte e o morrer. Geralmente, desenvolvem sentimentos diversos, tais como solidão e incapacidade. Afinal, a morte significa o fim da vida, e com isso, quebra os vínculos de um ser com o outro. É um fenômeno natural do ciclo da vida humana, contudo, causa grande aflição e dor na maioria dos indivíduos (LOPES; ALMEIDA; DAMÁSIO, 2014; ARAUJO; BRAGA; PESSOLO, 2019).

Falar sobre a morte é um tabu para muitos, pois pensar e vivenciar esse momento remete a uma ideia de finitude, que chegará para todos. No entanto, não se pode precisar quando, nem como ela virá, o que causa medo e negação para a maioria dos seres humanos. Refletir e falar sobre a morte deveria ser um fato comum no cotidiano das pessoas, para que se possa lidar melhor com os sentimentos e dores presentes no momento da partida (SANTOS et al., 2020).

A morte e o morrer é uma temática difícil e desafiadora para o profissional que lida todos os dias com pacientes com vários níveis de adoecimento e com prognóstico de morte eminente. Dentre as profissões que lidam diretamente com a morte, pode-se destacar a enfermagem, a qual, em seu exercício profissional, assiste o paciente nas 24h (LIMA et al., 2017).

A enfermagem, ao assistir ao paciente e/ou sua família, estabelece um vínculo de cuidado e conseqüentemente um elo afetivo. Após a perda de um paciente, diversas emoções podem ser desencadeadas, como tristeza, impotência, frustração e medo (LIMA et al., 2017).

A morte pode ser encarada como fracasso pelos profissionais. No campo da assistência de enfermagem, que tem seu foco voltado para a restauração da saúde dos indivíduos, nem sempre esse objetivo é alcançado, o que dificulta encarar as perdas surgidas no cotidiano do trabalho, o que pode desencadear processos depressivos, ansiosos, uso indevido de psicotrópicos e até mesmo o suicídio, assim como, sentimento de culpa e impotência sobre a autonomia da vida (DE PAULA et al., 2020).

Após a perda de um paciente, em muitos casos o profissional tem de se recompor rapidamente para responder as demandas de sua unidade. No entanto, reprimir esses sentimentos pode ser nocivo a saúde mental, o que poderá ocasionar em dores físicas e emocionais, interferindo de modo significativo em sua vida pessoal e profissional (MOTA et al., 2011).

Os profissionais da saúde, já no primeiro ano do curso de graduação, são apresentados a morte através das aulas de anatomia, porém, são levados a lidar com a morte pela via da negação, vendo o ela como cadáver, órgãos e tecidos desvitalizados. Esse exórdio delibera os próximos movimentos da formação em saúde em um fazer mecânico e sem valores humanitários (NASCIMENTO, et al. 2006).

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Na formação profissional do enfermeiro, a temática sobre a morte e o morrer é timidamente abordada, o que leva a refletir se a academia deveria abranger com maior intensidade não apenas o nascimento ou o processo de vida, mas também sua finalização. A formação do enfermeiro oferecida pela maioria das escolas, não leva em consideração que a morte faz parte do processo da vida, pois a vida e a morte andam lado a lado e ambas devem ser discutidas preparando, assim os discentes para um melhor enfrentamento do luto (COSTA et al., 2019).

Diante de tais alegações, surgem questões que necessitam ser melhor estudadas: *Como os discentes de enfermagem se comportam frente a morte e o morrer durante sua formação acadêmica?*

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A finalidade deste estudo é suscitar reflexões importantes e necessárias em torno da morte e do morrer no âmbito da academia, o melhor preparo e forma de lidar com a finitude. O enfrentamento destas questões deve ser trabalhado não apenas na abrangência da formação, mas em todo percurso da vida profissional.

A elaboração das perdas, sejam elas quais forem, precisam estar presentes dentro e fora do trabalho. Quando se fala da dor, da frustração pela perda, da ausência, melhor se compreende que elas fazem parte da vida de todos os seres humanos, sem exceção e que em um momento ou outro ela acontecerá.

Portanto, abordar essa temática de modo reflexivo contribuirá com a compreensão das relações de poder no exercício profissional, perpassando os limites da autonomia que os profissionais possuem sobre a vida e a morte. O uso de estratégias que acolham a morte com serenidade e solicitude desde o início da formação, possibilitará uma condução menos sofrida e padecedora diante de perdas ocorridas na vida profissional.

Contudo, apesar do tema ser abordado em muitos estudos, poucos são voltados para a compreensão de como os estudantes de enfermagem vivenciam o processo de morte e morrer nos laboratórios, nas práticas e estágios durante a graduação.

## 2 OBJETIVOS

- Identificar como os acadêmicos de enfermagem se comportam frente a morte e o morrer durante sua formação, segundo a literatura científica;
- Relatar como a academia tem abordado o ciclo de finalização da vida com acadêmicos de Enfermagem.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Na idade média, a morte era vista com naturalidade e os mortos não eram considerados como presenças inoportunas, sendo comum no cotidiano de todos, porém, após o desenvolvimento da sociedade industrial, a visão sobre a morte foi sendo modificada, fechando assim o diálogo sobre esse fato (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

A morte, em seu significado literal, é óbito ou falecimento; cessação completa da vida, da existência, extinção; falta de existência ou ausência definitiva de alguma coisa: morte de uma espécie; morte da esperança; morte de uma planta (GEIGER, P. 2020).

No século XX, ocorreu na sociedade um cerceamento do luto, levando as pessoas a esconderem as manifestações ou vivência da dor, acrescida de “uma exigência de controle”, atribuída por uma população que tem receio da morte. O tempo da morte se modificou também, onde é prolongado de forma indefinida através de aparelhos altamente tecnológicos, onde muitas vezes a decisão do momento da morte é definida entre a família e o médico. A morte não é mais a separação do corpo da alma, e sim dividida em morte “cerebral, biológica e celular” (KOVÁSCS, 1992, p.40).

Na contemporaneidade, exercer o cuidado perante a morte é um desafio, o que no passado era função da família, “passa a ser responsabilidade dos profissionais da saúde”, deste modo, empoderados pelos conhecimentos técnicos e científicos, se sentem exclusivos e mais bem capacitados para o cuidado com pacientes em risco ou processo de morte (ARIÈS, 2003; SOUZA; SOUZA et. al., 2013).

Os trabalhadores da saúde estão sujeitos a inúmeras situações de estresse vinculadas ao ambiente de trabalho, como fadiga física, mental e a dificuldade de lidar com o processo de morte e morrer dos pacientes, sendo essa uma vivência corriqueira em sua trajetória profissional. Pela dificuldade do tema, isso pode gerar discrepantes reações nesses profissionais. Alguns desenvolvem sentimento de frustração, perda, estresse e culpa, entretanto, outros veem essa temática como algo natural, podendo assim serem indiferentes perante este processo (LIMA; JÚNIOR, 2015).

A angústia vivenciada pelos profissionais diante da morte, tem sua origem, como aborda Borges e Mendes (2012, p. 796): “Os profissionais da saúde são, antes

de tudo, sujeitos integrados a um paradigma político-social, no qual a morte deve ser evitada e a vida deve ser salva a qualquer custo”.

O enfermeiro se identifica com o processo de angústia no cuidado com o outro, o que é normalmente retratado no hospital, onde a vivência profissional está sempre diante a morte, o que coloca o dilema entre a morte e a vida. O enfermeiro enquanto gerente do cuidado integral, com formação exigente e postura firme, se sente muitas vezes intimidado em expressar o que realmente sente (SANTOS; BUENO, 2010).

Durante suas experiências, os enfermeiros lidam frequentemente com situações de morte, e normalmente a dificuldade encontrada nesse caso estão relacionadas à própria dificuldade do profissional em perceber a morte como parte integrante da vida, refletindo assim em cada caso suas próprias angústias sobre o tema. A recorrente convivência com a morte não anula os sentimentos de angústia e sofrimento, sendo necessário a assimilação dessas vivências para entender o que, afinal, significa esse convívio para o enfermeiro (SOUZA; SOUZA et al., 2013).

A compreensão dessas vivências vai além do desejo em aprimorar a assistência de enfermagem, mas sim dar voz a esses profissionais, que na maioria das vezes se calam perante a angústia de cuidar da dor do outro. Falar sobre essas vivências angustiosas tornam o sujeito reflexivo à sua prática, beneficiando o processo assistencial em saúde, por consequência do aperfeiçoamento do enfermeiro enquanto sujeito (BASTOS; QUINTANA et al., 2018).

Sabe-se que prestar assistência ao paciente em processo de morte não é uma tarefa fácil e exige do profissional conhecimentos que não vem sem um preparo, o qual, quase sempre, não é oferecido durante a formação profissional e nem nos hospitais. O enfrentamento dessa circunstância é por vezes solitária. Vivenciar diariamente essas experiências pode levar o emocional desses profissionais ao limite nos qual o sofrimento pode ser intolerável, gerando níveis crescentes de adoecimento dos profissionais (DOS SANTOS; JÚNIOR, 2015).

Dos Santos e Júnior (2015, p. 26) relata que:

O processo do morrer pode ser referenciado de diferentes maneiras, de acordo com os significados compartilhados por essa experiência, pois esses significados são influenciados pelo momento histórico e pelo contexto sócio culturais. Por isso, é importante entender a morte como um processo, e não

como um fim. Uma vez que o paciente é um ser social e histórico, cuidá-lo em seu momento final significa entendê-lo, ouvi-lo e respeitá-lo.

“As fases do processo de morrer são divididas em cinco estágios. Os cinco estágios são descritos como: 1) negação; 2) raiva; 3) barganha; 4) depressão e 5) aceitação.” (DOS SANTOS; JÚNIOR, 2015, p. 26).

Segundo Santos e Hormanez (2013, p. 2758) “O imaginário coletivo construído em torno da morte a concebe como inimiga e indesejável, devendo ser evitada a qualquer custo”.

O desenvolvimento científico e tecnológico possibilitou aos profissionais de saúde o poder da antecipação ou prolongamento do momento da morte do paciente dando a eles a crença de serem donos da vida e da morte, contribuindo assim para a instauração do processo de obstinação terapêutica, onde o cuidado é direcionado a manter a vida sem se preocupar com sua qualidade deixando assim de oferecer uma morte digna aos pacientes (SHIMIZU, 2007; BARLEM, 2008)

Dentre as equipes hospitalares, a enfermagem é a que mantém um contato direto e prolongado com os pacientes e familiares. Essa proximidade pode ser tanto benéfica para o cuidado quanto pode deixá-los susceptíveis ao estresse, por ser o primeiro profissional a lidar com o morrer (SOUSA, et al., 2009).

Kovács (2005, v. 25, p. 495) relata que:

Educar para a morte é também preparar profissionais de saúde para lidar com ela. Perguntamo-nos se a escolha da profissão tem relação com a morte, principalmente no caso daqueles da área de saúde. Possivelmente, a primeira resposta dada será não, mas convidamos os assistentes para uma reflexão. Não será a escolha da profissão uma tentativa de preparação para lidar com a própria morte e daqueles de quem cuida? Em tempos de morte interdita, muitos jovens não tiveram contato próximo com a morte, muitos a viram pela tela da TV, com todas as distorções possíveis e sem possibilidade de interação.

A não elaboração do luto está levando as pessoas ao adoecimento por uma grande carga de aflição, não sendo diferente para os profissionais de saúde, que cuidam do sofrimento de terceiros e, na maioria das vezes, não têm tempo para cuidar da sua dor, o que os leva ao adoecimento (KOVÁCS, 2005).

Na saúde, existem dois paradigmas: o curar e o cuidar. O objetivo do curar é a vida a qualquer preço não importando com as práticas humanistas, já o cuidar leva em conta que a morte faz parte do ser humano (KOVÁCS, 2005).

## 4 CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, desenvolvida a partir de publicações em torno da forma de lidar dos acadêmicos de enfermagem com a morte e o morrer durante seu processo formativo. A pesquisa foi realizada em um recorte temporal do ano de 2017 a 2022.

Clandinin e Connely (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como:

Uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo.

As busca ocorreram nos meses de fevereiro a março de 2022 e os dados coletados em publicações na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); no Portal de Periódicos CAPES e na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

Para o levantamento bibliográfico, foram selecionados os descritores e seus sinônimos, disponíveis na lista Descritores em Ciências da Saúde /Medical Subject Headings (DeCS/MeSH). A busca e o acesso ao referencial teórico ocorreram por meio dos seguintes descritores: graduação em enfermagem; acadêmicos de enfermagem; morte e morrer; cuidados paliativos; atitudes frente a morte; morte ou fim da vida; bacharelado em enfermagem; cuidados de enfermagem; enfermagem de cuidados paliativos na terminalidade de vida.

Como critérios de inclusão, foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos em língua inglesa, espanhola e portuguesa. Foram excluídos editoriais, teses, dissertações e estudos que abordem outro tipo de temática.

A seleção dos estudos ocorreu por meio da leitura de títulos, resumos e leitura integral dos textos. A análise foi realizada após leitura ponderada e reflexiva e os resultados foram sintetizados e avaliados criteriosamente e discutidos por meio de autores de referência na literatura.

## 5 RESULTADOS

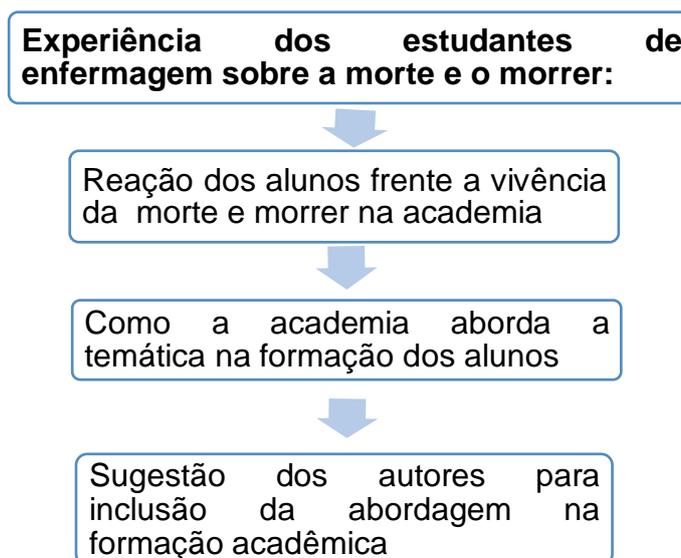
A Identificação das publicações selecionadas para o estudo está posta no Quadro I, de acordo com o Título do artigo; Autor; Ano de Publicação e base de dados, com abordagens sobre a vivência dos acadêmicos em relação a morte e o morrer na academia e como são trabalhadas estas questões nos projetos formativos.

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano de Publicação</b>	<b>Base de Dados</b>
A1. A MORTE E O MORRER SOB A ÓTICA DE GRADUANDOS DO CURSO SUPERIOR DE ENFERMAGEM	Roberto Nascimento de Albuquerque, Verônica Rocha Dias.	2021	LILACS
A2. APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS NO ENSINO DA TANATOLOGIA, NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	SAMPAIO, Cynthia Lima et al.	2020	MEDLINE
A3. COMPETENCIA PERCIBIDA ANTE LA MUERTE EN ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA	SÁEZ ÁLVAREZ, Enrique Jesús et al.	2019	LILACS
A4. CUIDADOS PALIATIVOS: DESAFIOS PARA O ENSINO NA PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E MEDICINA	DOMINGUEZ, Ramona Garcia Souza et al.	2021	LILACS
A5. EDUCAÇÃO PARA A MORTE: SENSIBILIZAÇÃO PARA O CUIDAR	Lima, Roberta de et al	2018	MEDLINE
A6. ENSINO DA TANATOLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	MOURA, Luna Vitória Cajé et al.	2018	Scielo
A7. HABLEMOS DE LA MUERTE. IMPACTO DE LA METODOLOGÍA DEATH CAFE EN ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA	Guillaumet Olives M et al.	2019	IBECS
A8. MIEDO A LA MUERTE Y SU RELACIÓN CON LA INTELIGENCIA EMOCIONAL EN ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA	FERNÁNDEZ-MARTÍNEZ, Elena et al.	2019	IBECS

Título	Autor	Ano de Publicação	Periódico
A9. MUERTE Y MORIR EN EL HOSPITAL: UNA MIRADA SOCIAL, ESPIRITUAL Y ÉTICA DE LOS ESTUDIANTES	SANDOVAL, Sylvia Álvarez et al.	2020	LILACS
A10. PERCEPÇÕES DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM SOBRE O PROCESSO MORTE E MORRER: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	SANTOS, Christiane Teresa Aleixo dos et al.	2020	LILACS
A11. REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MORTE PARA ESTUDANTES DE ENFERMAGEM	ANDRADE, Priscila Cristina da Silva Thiengo de et al.	2021	LILACS
A12. STRENGTHS AND WEAKNESSES TO FACE THE DYING AND DEATH PROCESS: STUDENTS' REFLECTIONS	SANDOVAL, Sylvia Álvarez; VARGAS et al.	2020	LILACS

**Quadro I-** Publicações distribuídas conforme autor, ano de publicação e base de dados.

Diante a temática : Experiência dos estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer, trabalhou-se com três temas de análise dispostos na figura I.



**Figura I-** esquema das categorias. De autoria da autora

### 5.1. REAÇÃO DOS ALUNOS FRENTE A EXPERIÊNCIA COM A MORTE NA ACADEMIA

Dos estudos investigados, com um percentual menos expressivo, 16,66% foram realizados com estudantes dos primeiros dois anos de academia, ou seja, do primeiro ao quarto período do curso de graduação em enfermagem, os quais relataram que os acadêmicos se sentiam inseguros e com conhecimento incipiente para atuarem frente a morte e o luto (A2; A3).

Observou-se que por estarem ainda no início das práticas e por não terem vivenciado o estágio, os alunos traziam, em sua maioria, experiências de morte em âmbito familiar e social, em alguns casos, até mesmo, sem experienciar perdas de entes mais próximos. Tal dado tem sua relevância, na medida em que estes ao longo da formação se depararão com a morte de pacientes sob seus cuidados (A2; A3).

Aproximadamente, 50% dos estudos trouxeram que os alunos matriculados do terceiro ano ao quinto ano do curso de enfermagem relataram dificuldades de lidar com a morte de seus pacientes, durante a formação acadêmica, tidas como vivências traumáticas e chocantes. Também referem terem se sentido ansiosos, desequilibrados, abalados, inseguros, culpados e impotentes. A sensação de insucesso e falha, é destacada como consequência por não conseguirem salvar a vida do paciente (A1; A5; A7; A9; A11).

Outro fator observado em 50% dos relatos foi o sentimento de despreparo ao auxiliar familiares e pacientes no lidar com a finitude, destacadas como dificuldades na comunicação ou na forma de expressar o que no momento sentiam, não sabendo o que dizer e mesmo se o que estavam verbalizando seria de ajuda para a família. Também ficou evidenciado o próprio medo da morte, não saber lidar com seus sentimentos, o que gerava insegurança e medo, tanto de vivenciar a mesma experiência como de se envolver com a dor do próximo. Deste modo, apontadas pelos acadêmicos como falhas ou lacunas nos modos de enfrentamento ensinados durante a graduação (A3; A4; A6; A8; A10; A12).

Algumas sugestões dos acadêmicos para a melhoria do ensino sobre a morte e o morrer nas Instituições de Ensino Superior (IES) foram identificadas como: inserção de rodas de conversas com psicólogos, a criação de disciplinas optativas na

área da tanatologia e cuidados paliativos, ministradas por docentes com experiência na área e apoio psicológico para os alunos que estão em práticas e estágios e que perderam ou vivenciaram a morte de um paciente.

## 5.2. COMO A ACADEMIA ABORDA A TEMÁTICA NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS

De acordo com os estudos, o modelo de ensino seguido pelas IES se baseia no modelo biomédico, voltado para a cura das doenças, o ser visto apenas como um indivíduo biológico, apenas a preservação da saúde e instrumentalização do cuidado. A formação, em sua maioria, é voltada para o conhecimento direcionado ao prolongamento da vida, proporcionando poucas abordagens ou reflexões em torno da finitude, dos limites e impotência dos profissionais frente ao poder de decisão de vida e de morte (A5; A8; A9; A10; A11).

Em 41,67% dos estudos, foram assinalados a falta no ensino de ferramentas ou abordagens que auxiliem no apoio psicológico, no acolhimento, tanto de pacientes e familiares que estão vivenciando momentos de perda como para os próprios alunos, para melhor enfrentamento dessas vivências. Também se destacou a distância entre a prática e a teoria em torno da morte (A5; A8; A9; A10; A11).

As IES, em sua maioria, não têm desenvolvido no processo de formação preparo ou espaços de discussão entre os acadêmicos sobre os momentos de perda e morte de paciente sob seus cuidados, o que torna necessário investimento de natureza pedagógica para maior e melhor preparo dos alunos ao lidarem com a morte e o luto. O sofrimento emocional destacado pelas vivências na academia, poderia ser amenizado na medida em que se trabalha melhor estas questões, o que de certo modo poderá subsidiar uma vivência menos sofrida nas experiências de perda que ainda poderão sofrer em sua vida profissional (A5 e A10).

Foi evidenciado em 58,33% dos artigos que as instituições oferecem pouco espaço para a discussão da tanatologia e de cuidados paliativos, com carga horária insuficiente e despreparo teórico. Assim, destacado como dificuldade, falta de domínio dos professores na área e de componentes ou conteúdos nas matrizes curriculares dos cursos de graduação em enfermagem (A1; A2; A3; A4; A6; A7; A12).

### 5.3.SUGESTÃO DOS AUTORES PARA INCLUSÃO DA ABORDAGEM NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Destaca-se o consenso de que é difícil, dado a natureza humana, estar completamente preparado para enfrentar a morte, pois há diferentes e distintas formas de reagir perante as situações de perda, em especial a morte (A1; A3; A8; A10).

Há uma necessidade eminente de inserção de espaços voltadas para o estudo da tanatologia e cuidados paliativos na formação dos enfermeiros e de outros profissionais da saúde. A temática poderá ser introduzida como conteúdo nas disciplinas já existentes nas matrizes curriculares dos cursos. Por ser uma necessidade real vivenciada na prática profissional, contribuirá no preparo dos graduandos para o cuidado com qualidade perante o processo de morte e o morrer, em sua futura vida profissional. (A2; A4; A6; A11).

O desenvolvimento de habilidades de comunicação em situações que envolvem perdas relacionadas a morte é importante para a compreensão dos discentes sobre a vivencia da morte do outro, auxiliando no diálogo com pacientes e familiares neste processo. Para maior e melhor abordagem dessa temática na academia, é necessário a capacitação dos professores sobre a temática (A5; A7; A9; A12).

## 6 DISCUSSÃO

Falar sobre a morte, seja na academia como na atuação profissional, normalmente provoca desconforto, pois está intimamente relacionada com questões culturais. O assunto pode gerar para muitos a sensação de impotência, devido a possibilidade de cura limitada, prejudicando o cuidado humanizado até a finitude do paciente (FERREIRA, NASCIMENTO; SÁ, 2018, p. 48).

A morte é vista por muitos alunos como um tabu difícil de ser encarado, pois não se sentem preparados para enfrentar o luto, frustrações e tristezas dos familiares, visto como consequência da falta de subsídios psicológicos ofertados pelos cursos, o que acarreta desgaste emocional nos alunos e profissionais da saúde (STOCHERO, 2016).

Os profissionais da saúde sentem frustração por não se sentirem preparados para lidar com a morte. Durante a graduação, o tema é visto de forma incipiente ou até mesmo é evitado, o que pode levar a sofrimentos futuros na vida profissional (PERBONI, ZILLI; OLIVEIRA, 2018).

Alguns profissionais não falam sobre a possibilidade da morte de seus pacientes por medo ou receio de provocar um sentimento o qual ele compreende como 'abandono'. Deste modo, vivemos uma cultura de refutação da morte, pois esta é encarada como um mal a ser vencido, ao invés de um processo natural e inevitável. A negação da morte próxima é, de certa forma, vista pelo profissional como a forma de amparo, proteção e cuidado com o paciente (FERREIRA, NASCIMENTO; SÁ, 2018, p. 48).

O estudante de enfermagem tem a ideia de que como atuantes na área da saúde, sua obrigação é lutar para a preservação e prolongamento da vida, evitar a morte a todo custo, o que normalmente leva a encarar a morte como um fracasso ou insucesso. Estes processos dificultam na aceitação e em sentimentos negativos e dolorosos (BRÊTAS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2006).

A discussão sobre o processo de morte e morrer quando é precoce melhora a habilidade de comunicação dos alunos, portanto a não capacitação sobre essa temática dificulta o diálogo dos acadêmicos com pacientes e familiares quando há a possibilidade de morte. Compreende-se que essas habilidades não são adquiridas

com o tempo, mas sim com a preparação para a vida e a morte (ARAÚJO; SILVA, 2012).

Normalmente, o primeiro contato do estudante dos cursos de graduação em saúde com a morte é no laboratório de anatomia, se iniciando com cadáveres ou bonecos de laboratórios, onde é estabelecida uma relação que inexistente possibilidade de envolvimento emocional, com conhecimento da história e dos sentimentos de ambos (PERBONI, ZILLI; OLIVEIRA, 2018).

Ter uma primeira experiência de contato com um cadáver confere ao aluno um sentimento de proteção em relação às angústias causadas pelo relacionar com o paciente. No entanto, este início geralmente ocorre sem qualquer preparação, ignorando se tratar da primeira experiência com a morte na academia, onde ela é apresentada sem se falar no nome dela (PERBONI, ZILLI; OLIVEIRA, 2018).

A temática sobre a morte e o morrer é pouco abordada durante a graduação, às vezes, a dificuldade pode surgir dos preceptores por não terem domínio do assunto, já que também não receberam preparo sobre esse tema e, desta forma, esse déficit vai se perpetuando na graduação (BRÊTAS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2006).

Os projetos pedagógicos dos cursos normalmente têm o ensino voltado para intervenções e ações que visam a cura das doenças, abordando de forma sucinta e implícita questões relacionadas sobre a morte e o morrer. No entanto, durante a graduação nas práticas, estágios e internatos, principalmente na área hospitalar, o acadêmico presta assistência para pessoas com risco de morte a todo momento (GONÇALVES et al., 2020).

Nessa perspectiva, a falta de discussões sobre a finitude e a morte na graduação gera nos alunos um despreparo para a assistência a pacientes e familiares, refletidos nos estágios e futuramente em sua vida profissional (LOPES et al., 2020).

É importante salientar que as instituições educativas devem estar atentas as dificuldades encontradas pelos alunos, de modo a dar-lhes subsídios pedagógico para refletirem sobre o processo de finitude. Assim, os futuros profissionais de saúde poderão aprender a lidar com a morte de forma mais humana (PERBONI, ZILLI; OLIVEIRA, 2018).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos que abordaram sobre a experiência da morte em âmbito acadêmico, relataram dificuldades dos alunos ao lidar com a morte de seus pacientes durante a formação acadêmica, descritas algumas vivências como traumáticas e chocantes. Sentimentos como de ansiedade, desequilíbrio, insegurança, culpa e impotência, foram apontados. A sensação de insucesso e falha, é destacada como consequência por não conseguirem salvar a vida do paciente.

Os achados na literatura sugerem que os acadêmicos não estão preparados para lidar com a morte e o morrer durante a graduação, as instituições de ensino, em seus projetos pedagógicos, abordam essa temática de forma superficial e ineficiente, o que necessita que as matrizes curriculares sejam revistas.

De modo significativo, os alunos chegam na graduação com pouca vivência e discussões trazidas sobre a morte no meio familiar, aliado ao tabu cultural de não se pensar ou refletir sobre a finitude da vida. Outro fator agravante é o modelo de ensino, em sua maioria biomédico, com foco no reestabelecimento da saúde pelo processo de cura. O ensino em torno de cuidados, como os paliativos, e os sentimentos dos profissionais perante a perda de seus pacientes, são frágeis sob a perspectiva da formação acadêmica.

Compreende-se que a dimensão da finitude humana sempre será um tema difícil de ser abordado, seja na perspectiva filosófica ou científica. Muitos são os desafios postos para a formação acadêmica, no entanto sabe-se que ela em seu processo formativo jamais dará conta de toda dimensão exigida, porém, é importante que ela cumpra seu papel de formar e habilitar profissionais cada vez mais preparados e conscientes do cuidado com a vida, assim como do cuidar com solicitude perante a morte.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, R. N.; DIAS, V. R. **A morte e o morrer sob a ótica de graduandos do curso superior de enfermagem. Rev. CuidArte.Enfermagem** Catanduva, jan.-jun.; 15(1):90-95, 2021. Disponível em: <http://www.webfipa.net/facfipa/ner/sumarios/cuidarte/2021v1/p.90-95.pdf>. Acesso em: 24 de abr. de 2022.
- ALVIM, A. L. S. et al. Morte e o processo de morrer na visão dos discentes de enfermagem. **Journal Health Npeps**, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/5010>. Acesso em: 08 set. 2021.
- ANDRADE, P. C. da S. T. de et al. REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MORTE PARA ESTUDANTES DE ENFERMAGEM. **Rev. Cogitare enferm.** Curitiba, v. 26, e71628, 2021. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-85362021000100310&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-85362021000100310&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 de abr. de 2022. Epub 20-Ago-2021. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v26i0.71628>.
- ARAUJO, M. M. T. de.; S., M.J.P. da. O conhecimento de estratégias de comunicação no atendimento à dimensão emocional em cuidados paliativos. **Rev. Texto Contexto enferm.**, v. 21, n. 1, p. 121129, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/vpS9FyhFCgFLbtGjnVBQVLK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 de mai.de 2022
- BASTOS, R. A.; Q., A. M.; C., F.. Angústias psicológicas vivenciadas por enfermeiros no trabalho com pacientes em processo de morte: estudo clínico-qualitativo. **Rev. Trends in Psychology**, v. 26, p. 795-805, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/FtTbdsvLBKnp9dKqfCj6kZJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 de nov. 2021.
- BUSA, A. L. A.; S., G. B. da; R., F. P.. O luto do jovem adulto decorrente da morte dos pais pelo câncer. **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/3M7tLbVjGCmyVktSNhNh8XP/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 08 set. 2021.

BRÊTAS, J.R. da S.; OLIVEIRA, J. R. de; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 40, n. 4, p. 477-83, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Yyrmny8rJ9QR9by3yVDV7nQ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28 de mai. de 2022. Combinato, D. S. e Q., M. de S. M.: uma visão psicossocial. **Rev. Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 2006, v. 11, n. 2, pp. 209-216. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>. Acessado em: 30 nov. 2021.

COSTA, S. A. et al. Ansiedade e percepções de morte e morrer entre graduandos de enfermagem. **Rev. Advances in Nursing and Health**, v. 1, 2019. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/anh/article/view/38067>. Acesso em: 08 set. 2021.

DOMINGUEZ, R. G. S. et al. CUIDADOS PALIATIVOS: DESAFIOS PARA O ENSINO NA PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E

MEDICINA. **Rev. baiana enferm.** Salvador, v. 35, e38750, 2021. Disponível em

[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-)

[86502021000100312&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502021000100312&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 17 abr. 2022. Epub 02-Abr-2021. <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v35.38750>.

DO NASCIMENTO, C. A. D. et al. A significação do óbito hospitalar para enfermeiros e médicos. **Rev Rene**, v. 7, n. 1, p. 52-60, 2006. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027953007.pdf>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

DOS SANTOS L., R.; JÚNIOR, J. A. C. . O processo de morte e morrer na visão do enfermeiro. **Revista Ciência & Saberes-UniFacema**, v. 1, n. 1, p. 25-30, 2015.

Disponível em: <http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/13>.

Acesso em: 01 de nov. 2021.

DE PAULA, G. S. et al. A enfermagem frente ao processo de morte e morrer: uma reflexão em tempos de Coronavírus/Nursing in front of the death and dying process: a reflection in times of Coronavirus. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 4,

2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18977>. Acesso em: 08 set. 2021.

Fabianne C. L. de; A. J., J. J. de; D., A. C.. Ética em cuidados paliativos: concepções sobre o fim da vida. **Revista bioética**, v. 22, p. 550-560, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/tC4PZX6PP4nWSMLGp3k5S7G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2021.

FERNÁNDEZ M., E. et al. Miedo a la muerte y su relación con la inteligencia emocional en estudiantes de enfermería. **Rev. Med. Paliativa**, v. 26, n. 3, p. 205-210, 2019. Disponível em: [https://www.medicinapaliativa.es/Ficheros/278/2/04\\_OR\\_Fernandez\\_MEDPAL26-3\\_esp.pdf](https://www.medicinapaliativa.es/Ficheros/278/2/04_OR_Fernandez_MEDPAL26-3_esp.pdf). Acesso em: 24 de abr. de 2022.

FERREIRA, J. M. G; N., J. L.; SÁ, F.C. Profissionais de saúde: um ponto de vista sobre a morte e a distanásia. Artigo Original. *Rev. Bras. Educ. Med.* n. 42 Jan-Mar, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/8gTqFv6d3zhHM7MVkqVbdsw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 de mai. de 2022.

GEIGER, P. 2020 Dicionário Aulete digital. Lexikon. 2020.

GUILLAUMET O. M. et al. Hablemos de la muerte. Impacto de la metodología Death cafe en estudiantes de Enfermería. **Rev. Metas de Enfermería**. 23. 10.35667/MetasEnf.2019.23.1003081580. 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341085332\\_Hablemos\\_de\\_la\\_muerte\\_Impacto\\_de\\_la\\_metodolgia\\_Death\\_cafe\\_en\\_estudiantes\\_de\\_Enfermeria](https://www.researchgate.net/publication/341085332_Hablemos_de_la_muerte_Impacto_de_la_metodolgia_Death_cafe_en_estudiantes_de_Enfermeria). Acesso em: 24 de abr. de 2022.

KIRSTEN A. T. et al. O poder da presença consoladora - a experiência vivida pelos enfermeiros de cuidados paliativos com o cuidado espiritual e existencial para os moribundos, *BMC Nurs.* 2014. Doc: 10.1186 / 1472-6955-13-25. Disponível em:. Acesso em 28 mai. 2022.

KOVÁCS, M. J. Morte e Desenvolvimento Humano. **Rev. Casa do Psicólogo**, São Paulo, 1992, 39 p.

Kovács, M. J. Educação para a morte. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2005, v. 25, n. 3, pp. 484-497. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000300012&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932005000300012&script=sci_arttext). Acesso em 28 out. 2021.

LIMA, R. de et al. Death education: sensibility for caregiving. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2018, v. 71, suppl 4 pp. 1779-1784. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0018>. ISSN 1984-0446. Acessado em: 24 de abr. de 2022.

LIMA, R. de et al. A morte e o processo de morrer: ainda é preciso conversar sobre isso. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, p. 1-4, 2017. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1178>. Acesso em: 08 set. 2021.

LOPES, M. F. G. L. et al. Vivência de enfermeiros no cuidado às pessoas em processo de finitude. *Revista Ciência Plural*. Natal (RN), v. 6, n. 2, p. 82-100, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Delma%20da%20Silva/Downloads/icosta,+5+artigo+OK+ENFERMEIROS+NO+CUIDADO+%C3%80S+PESSOAS.pdf>. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

MOURA, L. V. Cajé et al. ENSINO DA TANATOLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM. **Rev. baiana enferm.** Salvador, v. 32, e20888, 2018. Disponível em [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-86502018000100303&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502018000100303&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 de abr. de 2022.

MOTA, M. S. et al. Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. **Rev Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, p. 129-135, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/9SBVHtZMtb6BtfGNBJCBbJq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

OLIVEIRA, E. S. et al. O processo de morte e morrer na percepção de acadêmicos de enfermagem. **Rev enferm UFPE on line [Internet]**, v. 10, n. 5, p. 1709-16, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/13546/16319>. Acesso em: 08 set. 2021.

Paiva, V. L. M. de O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev Brasileira de Linguística Aplicada [online]**. 2008, v. 8, n. 2, pp. 261-266. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PERBONI, J. S.; ZILLI, F.; OLIVEIRA, S. G. Profissionais de saúde e o Processo de morte e morrer dos Pacientes: uma revisão integrativa. *Pers. Bioét. Pelotas (RS)*, v. 22, n. 2, p. 288-302, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pebi/v22n2/0123-3122-pebi-22-02-00288.pdf>. Acesso em: 30 de mai. de 2022.

ROSA, A. F.; L., V. L.; B., E. D.; L. F., W. D. Percepções das enfermeiras frente aos sentimentos de quem vivencia o processo de morrer e morte. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 5, n. 2, p. 204-211, 16 set. 2008. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5076>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

SANTANA, J. C. B. et al. Docentes de enfermagem e terminalidade em condições 13 dignas. *Rev. Bioét., Brasília*, v. 21, n. 2, p. 298-307, Aug. 2013. Disponível em: Acesso em: 28 de mai. de 2022.

SANDOVAL, S. Á; V. et al. FORÇAS E FRAQUEZAS PARA ENFRENTAR O PROCESSO DE MORRER E MORTE: REFLEXÕES DOS ESTUDANTES. **Rev. Texto contexto - enferm.** v. 29, n. spe, e20190257, 2020. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072020000200301&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072020000200301&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 de abr. de 2022.

SANDOVAL, S. Á. et al. Muerte y morir en el hospital: una mirada social, espiritual y ética de los estudiantes. **Esc. Anna Nery**, v. 24, n. 3, e20190287. 2020. Disponível em: [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452020000300206&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452020000300206&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 de abr. de 2022.

SANTOS, A. M. Et al. Vivência de enfermeiros acerca dos cuidados paliativos. *Revista Fun Care Online*. 2020 jan/dez; 12:479-484. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.8536>. Disponível em: [https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/898/1/Andr%C3%A9%20Souza%20de%20Oliveira\\_0003829\\_William%20de%20Sousa%20Oliveira%20%200004702.pdf](https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/898/1/Andr%C3%A9%20Souza%20de%20Oliveira_0003829_William%20de%20Sousa%20Oliveira%20%200004702.pdf). Acesso em: 28 de mai. de 2022

SOUSA, D. M. de. et al., "A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos." *Texto & Contexto-Enfermagem* 18 (2009): 41-47.

Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/41025112\\_A\\_vivencia\\_da\\_enfermeira\\_no\\_processo\\_de\\_morte\\_e\\_morrer\\_dos\\_pacientes\\_oncologicos](https://www.researchgate.net/publication/41025112_A_vivencia_da_enfermeira_no_processo_de_morte_e_morrer_dos_pacientes_oncologicos). Acesso em: 17 de nov. 2021.

SÁEZ Á., E. J. et al. Competencia percibida ante la muerte en estudiantes de Enfermería. *Rev ROL Enferm.* 42(5): 342. 2019. Disponível em:

[https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/102647/1/2019\\_Saez-Alvarez\\_et\\_al\\_RevROLEnferm.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/102647/1/2019_Saez-Alvarez_et_al_RevROLEnferm.pdf). Acesso em: 24 de abr. de 2022.

SAMPAIO, C. L. et al. Problem-Based Learning in Teaching of Thanatology in Undergraduate Nursing Program. **Esc. Anna Nery**, v. 22, n. 3, e20180068, 2018.

Disponível em [http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452018000300703&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000300703&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 24 abr. 2022.

SANTOS, M. A. dos e H., M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2013, v. 18, n. 9, pp. 2757-2768. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900031>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SANTOS, C. T. A. dos et al. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre o processo morte e morrer: implicações na formação profissional. **Enfermagem em Foco**, [S.l.], v. 11, n. 3, dez. 2020. ISSN 2357-707X. Disponível em:

<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3243>. Acesso em: 18 set. 2021.

SHIMIZU, H. E. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2007, v. 60, n. 3, pp. 257-262.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000300002>. Acesso em: 28 mai. 2022.

STOCHERO, H.M. et al. Sentimentos e dificuldades no enfrentamento do processo de morrer e morte por graduandos de enfermagem. *Aquichan.* 2016; 16(2): 219-229.

DOI: 10.5294/aqui.2016.16.2.9. Disponível em:

[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-59972016000200009](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972016000200009). Acesso em: 29 de mai. de 2022